

TRABALHO E POBREZA NAS SERRAS AURÍFERAS DO SERTÃO BAIANO.(1930-1940)

Zeneide Rios de Jesus*

Resumo: Este artigo examina as condições de trabalho nos garimpos de ouro nas Serras de Jacobina no Estado da Bahia, atentando para os riscos e perigos a que estavam expostos os garimpeiros que se aventuraram na busca por esse metal nas décadas de 1930 e 1940. Esses riscos estavam nos desmoronamentos, soterramentos, nas doenças infecto-contagiosas que se alastravam rapidamente, estimuladas pelas péssimas condições de higiene e pela alta concentração de pessoas nesses lugares. Além disso, os riscos provenientes do manuseio de produtos químicos, como o mercúrio, afetavam não só os garimpeiros, mas toda a população da cidade, visto que, o uso indiscriminado desse produto poluía os rios que abasteciam o município de Jacobina.

Palavras-chave: Trabalho, garimpo, pobreza.

Abstract: This paper examines the work conditions in the gold mines of the Jacobina mountains in the state of Bahia, pointing out the risks and dangers to which prospectors, who ventured to those mountains in the search for that metal in the decades of 1930 and 1940, were exposed. Those risks were the collapses, cave-ins, in the infectious diseases that spread quickly, stimulated by the terrible hygiene conditions and for the high concentration of people in those places. Besides, the risks coming from the handling of chemical products, as mercury, affected not only the prospectors, but the whole population of the city, because the indiscriminate use of that product polluted the rivers that supplied the municipal district of Jacobina.

Keywords: work, gold prospecting, poverty

A VIDA POR UM FIO

Insegurança e insalubridade marcavam o dia-a-dia dos que se aventuravam na busca do ouro, lavando o cascalho nos córregos que desciam das encostas, explorando minúsculos veios, ou ainda, adentrando grunas, cujas formas só lhes permitiam descer, arrastando-se sobre os joelhos.¹

A salubridade natural encontrada nas montanhas era alterada em função do sistema de exploração empregado pelo processo de garimpagem. Portanto, é óbvio que o meio em que atuavam os garimpeiros tendia a uma insalubridade progressiva, pois, sofria as ações predatórias da exploração que independente das técnicas e processos empregados alteravam o relevo através do esgravatamento do terreno e perfuração das serras. A destruição da vegetação e o indiscriminado uso do mercúrio contribuíam para que o garimpeiro, nos seus sonhos de conforto, produzisse para si um ambiente pouco saudável.

* Professora Assistente da UEFB – Universidade Estadual de Feira de Santana.

¹ Sobre as formas de trabalho nos garimpos das serras de Jacobina ver: SOUZA, Henrique Caper. *Garimpos na Região de Jacobina* - Estado da Bahia. In: Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, 3 (4):815-24. Out/Dez. 1941 e “*Ouro na Serra de Jacobina*”, Ministério da Agricultura – DNPM, Boletim N.º 51. Rio de Janeiro, 1942.

A partir da propaganda jornalística que visava atrair mão-de-obra para os garimpos das serras de Jacobina, atestados médicos, correspondências diversas e depoimentos de ex-garimpeiros e moradores das áreas garimpeiras, este artigo discute como o sistema de exploração aurífera, independente do tipo de garimpo, expunha seus exploradores e também a população da cidade a perigos e riscos, tanto de ordem física, quanto química ou biológica. Constata que mesmo vendendo as ilusões do mundo garimpeiro, o jornal *O Lidador*, durante o período em que tratou da exploração de ouro na região de Jacobina, noticiou tanto os desastres ocorridos com garimpeiros quanto as reclamações da população local, em função da contaminação do rio do Ouro pelo constante uso do mercúrio.

Identifica também a ocorrência de doenças infecto-contagiosas que se disseminavam atingindo principalmente a população das zonas de garimpo que sofria com as péssimas condições de vida que lhes reservava a aventura da busca do ouro. Tanto os locais de moradia, quanto os de trabalho não ofereciam ao garimpeiro condições propícias à saúde. Habitando áreas sem nenhuma infra-estrutura - ausência de água encanada ou sistema de esgoto, dormindo e se alimentando mal, enfrentando situações de perigo durante o trabalho e sem atendimento médico - os garimpeiros estavam vulneráveis a todos os males e na dependência de um serviço de saúde pública muito deficiente.

Nesse artigo verifico que esses trabalhadores também estavam expostos às oscilações climáticas e a insalubridade do meio em que viviam e atuavam, bem como corriam risco de morte diante dos vários acidentes de trabalho. Ao enfrentarem diariamente todos esses perigos vivenciaram situações que os colocavam sob o regime de grandes desgastes físicos e emocionais. Demonstro também que por diversas vezes a fatalidade pôs fim aos sonhos do tão buscado bambúrrio, pois esses trabalhadores estiveram expostos a situações não só perigosas, mas também trágicas em função de desastres com automóveis, incêndios, explosões, soterramentos, deslizamentos, contaminações por doenças como varíolas, febres, impaludismo, etc.

Por outro lado, verifico que o mesmo jornal que buscou atrair mão-de-obra para a extração das riquezas da serra alardeando as benesses dessa atividade, não poupou críticas aos garimpeiros quando estes não se adequaram ao padrão de trabalhador apto a construir a Pátria e ao mesmo tempo colaborar com a manutenção da ordem. Todas as vezes que os garimpeiros ameaçaram a ordem estabelecida o jornal reagiu. Foi assim diante do lazer

desses trabalhadores que envolvia o jogo, a bebida e a prostituição e também quando os procedimentos usados nos garimpos ameaçavam a saúde da população.² Nesses casos, a imprensa reforçava uma das poucas ações dos poderes públicos, que visavam coibir o caráter poluente de um trabalho que extrapolava as áreas do garimpo e desciam as águas do rio do Ouro – que cruzava a cidade - nas quais o mercúrio, utilizado nas bateias para separar o ouro do cascalho, colocava em risco a sua própria saúde e a de toda a população jacobinense.

“VEM CAVAR OURO”: PROPAGANDA E SECA NOS GARIMPOS DE JACOBINA.

O ouro é a alavanca do progresso. Sem ele os arranha-céus se não ergueriam desafiando as alturas nem os aeroplanos desafiariam a magnitude dos arranha-céus. Sem ele não surgiriam as cidades deslumbrantes, nem as instituições beneméritas. Sem ele as artes não teriam mérito e a vida não teria o movimento, a agitação, o ruído dinâmico das oficinas, o silvo das locomotivas e um símbolo de força e inteligência no ranger metálico das engrenagens nem haveria o turbilhonar constante em que confundem as raças e as castas.³

O trecho acima foi retirado de um longo artigo escrito em março de 1934, por L. J. M. Barreto, um dos colunistas do jornal *O Lidador*, periódico que circulou na cidade de Jacobina no Estado da Bahia, nas décadas de 1930 e 1940. Para este colunista o ouro era um metal bendito e bom. E justamente por isso era ambicionado, invejado e caluniado. Segundo Barreto, o ouro era a solução para muitos males que afligiam a humanidade como, por exemplo, a fome e a miséria. Era também um metal que não poderia ser “destronado”, nem “ultrajado” e muito menos “menosprezado”, pois ele era o passaporte para o mundo civilizado. Era ele quem trazia o tão sonhado progresso e igualava a todos, independente da “raça” ou da “casta”.

As impressões de Barreto sobre o ouro somavam-se às vozes que utilizavam a imprensa local para publicizar os achados auríferos das Serras de Jacobina e ressaltar as facilidades e possibilidades do enriquecimento rápido. Nas décadas citadas, especialmente no período pós 1935 são abundantes as notícias sobre as minas que iam sendo descobertas dia-a-dia. O intuito do jornal era demonstrar o potencial aurífero das serras com vistas a

² Para uma visibilidade melhor dessas questões ver: JESUS, Zeneide Rios de. *Eldorado Sertanejo: garimpos e garimpeiros nas Serras de Jacobina*. Salvador, UFBA. 2005. (Dissertação de Mestrado).

³ *O Lidador* nº 28 de 16/03/1934. (*O ouro*) p. 1.

atrair os garimpeiros para os trabalhos de exploração. A imprensa via na extração aurífera a grande oportunidade de Jacobina se desenvolver economicamente, tornando-se uma cidade civilizada. Nesse sentido os garimpos jacobinenses ganharam traços de terra prometida, cheia de oportunidades, enfatizando os benefícios e a facilidade em se cavar ouro. Geralmente esses apelos eram dirigidos aos “sertanejos pobres dos municípios vizinhos”. Conforme este periódico, aqueles que atendessem ao clamor dos garimpos, “sem esmorecer”, seriam bem recompensados, pois nessas áreas produzia-se mensalmente cerca de 20 kg de ouro, cuja arrecadação ficava em torno de trezentos contos de réis, “equaninamente distribuído com todos os que mourejam nas minas do garimpo”.⁴

Outro ponto em que o jornal investia para seduzir braços para os garimpos das serras de Jacobina foi a referência à qualidade de vida que os futuros garimpeiros teriam ao trabalharem nas montanhas respirando ar puro e saudável. Dessa forma, o jornal divulgava riquezas, esperanças e venturas proporcionadas pelas novas ocorrências auríferas na região de Jacobina. Defendendo a bandeira do progresso garantido pelo trabalho, o jornal via nas minas de ouro um dos caminhos para o desenvolvimento da cidade, para tanto trabalhava propagando as benesses da atividade garimpeira, erroneamente identificada com a idéia de riqueza.⁵

Esse Jornal, composto de quatro páginas era publicado semanalmente, aos domingos, noticiava assuntos tanto de ordem nacional e internacional, quanto do dia-a-dia de Jacobina e cidades vizinhas, incluindo aí aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais. Nos seus sete anos de vida enfatizou a trajetória do ouro, mas, anunciava também praticamente todos os aspectos referentes à história da cidade. Seu discurso se pautava nos ideais de trabalho, progresso e nacionalismo bastante característicos do período em que circulou, mostrando afinidade com o projeto de modernização do país proposto por Getúlio Vargas. Se autodenominando de “imprensa sertaneja” o periódico publicou matérias

⁴ Ver: *O Lidador* nº 101 de 18/08/1935. (*Uma pepita de peso*) p.1; nº 106 de 29/09/1935 (*Formidáveis jazidas de ouro a 2 Km da cidade*) p. 1; nº 107 de 06/10/1935 (*surpresas do garimpo*) p. 1; nº 111 de 03/11/1935 (*Vendo de perto as minas de ouro*) p. 1; nº 149 de 02/08/1936 (*Um belo achado*) p. 1; nº 180 de 04/04/1937. (*Ainda as minas prodigiosas*) p. 1; nº 256 de 09/10/1938. (*Uma pepita de ouro com 273 gramas!*) p.1; nº 257 de 23/10/1938. (*Ouro e diamantes no Caen*)p. 1; nº 285 de 14/05/1939 (*20 quilos de ouro por semana produzem as minas de Jacobina*) P. 1 e o nº 288 de 11/07/1939 (*garimpos prodigiosos. Formidável jazida aluvionar a dois passos da cidade*). P.1;

⁵ Refiro-me a idéia do “falso Fausto” tão bem explorada por SOUZA, Laura de Mello e Souza. *Desclassificados do Ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

exaltando ações que pudessem promover o desenvolvimento de Jacobina e condenando hábitos que afastavam a cidade do ideal de modernidade e progresso.

Em matérias que o periódico vinculou sobre os garimpos, destaca-se o silêncio quanto aos perigos da atividade garimpeira. Foram omitidos sistematicamente a insalubridade e os riscos decorrentes das atividades desenvolvidas nesses espaços. Ocultando esses aspectos, a propaganda jornalística sobre o ouro vendia ilusões, alardeando possibilidades e potencialidades dos garimpos ao afirmar que “nas minas prodigiosas” havia muitas riquezas e que estas chegariam para aqueles que tivessem “coragem de trabalhar e esperar”.

A estratégia de convencimento das populações sertanejas, veiculadas pelo Lidador, repetia os apelos de outras regiões sequiosas por mão-de-obra barata, como as do sudeste, por exemplo. Com a seca de 1932, o próprio Estado da Bahia engajou-se na campanha migratória, facilitando o deslocamento da população nordestina para o sudeste. Entretanto, em 1936, quando já se atenuavam as conseqüências da seca, os baianos, por meio de um Comunicado da Bolsa de Mercadorias da Bahia, publicado no Diário Oficial intitulado “Braços para São Paulo”, se mostraram indignados com o recrutamento feito por agentes paulistas. Alegando que, não satisfeitos com a contratação dos trabalhadores das zonas do São Francisco e do Alto Sertão do Estado, esses agentes estavam invadindo as zonas suburbanas contratando não só lavradores como “operários outros”, com promessas de bons salários e outros auxílios. Naquele momento, a Bahia precisava daqueles braços “para desenvolver as suas inúmeras atividades, quer na zona rural, quer na urbana”.⁶

Foi nesse contexto que o Sr. Matias, ex-garimpeiro, chegou a Jacobina juntamente com os outros membros da família e, embora ainda fosse um menino de mais ou menos oito anos de idade, lembra que em 1932 os pais estavam decididos a migrarem para o “sul”. Entretanto, em função das epidemias que grassavam com as secas que ocorreram no período, o próprio governo teria suspenso a imigração. A família então decidiu ficar em Jacobina e se aventurar na busca pelo ouro.⁷

Se por um lado o jornal insistia em uma propaganda positiva acerca do trabalho garimpeiro, uma documentação diversa como correspondências oficiais, atestados de óbito,

⁶ Diário oficial, quarta feira, 05/02/1936. p. 2035.

⁷ Entrevista concedida em 05/02/2003 pelo Sr. José Matias dos Reis, ex-garimpeiro.

processos-crime e depoimentos nos aponta que as pessoas que se aventuravam nessas atividades eram submetidas a duras condições de vida e nos sugere que as longas estiagens que castigaram todo o nordeste na década de 1930 tornaram-se aliadas da propaganda jornalística. Seduzindo as populações pobres com as promessas de um paraíso terreal, cujo passaporte era a busca pelo ouro, o jornal *O Lidador* usava os mesmos argumentos dos recrutadores de mão-de-obra para o Sul do país.

Os primeiros anos de descoberta do ouro coincidiram com um período difícil marcado pelas conseqüências das secas. O quadro de miséria instituído pela fome que assolava a região estimulou a procura de soluções e conforme os depoimentos, a serra de Jacobina proporcionou uma grande saída para aqueles que foram em busca do precioso metal. Sabemos que a época das estiagens é propícia para que muitos fazendeiros aumentem seus patrimônios ao incorporarem animais e propriedade adquiridos a preços baixos daqueles que, sem recursos, são obrigados a migrarem em busca de melhores condições de sobrevivência. Portanto, é preciso considerar as secas para além dos fenômenos climáticos, atentando para a construção do discurso da seca que, segundo Albuquerque Júnior, “unifica interesses regionais” e detona “práticas políticas e econômicas”.⁸ No sertão baiano, e até mesmo de outros Estados do Nordeste, a população diretamente atingida pelas secas e, provavelmente influenciada com os apelos do *O Lidador*, era composta por pessoas pobres como o Sr. Matias, que ao nos contar suas lembranças desse período confirma a imagem de um lugar bastante procurado a partir das notícias sobre o ouro: “Esse mundo tinha gente [...] Esses garimpos foi numa época ruim, foi aonde o pessoal vieram se refrigerar.”⁹

Em todos os depoimentos coletados, as referências à seca de 1932 são recorrentes. Segundo os depoentes, os filões auríferos representaram a grande alternativa de sobrevivência para a população de Jacobina e cidades vizinhas que ainda sofriam com as perdas ocasionadas pelo período de estiagem. Todos os entrevistados guardam vivas lembranças dessa época e fazem relação entre os “tempos ruins” provocados pela longa estiagem e os anos “dourados” que se seguiram após a descoberta do ouro. Pelo visto, o nobre metal se colocara como única solução para os graves problemas enfrentados pela

⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife, FJN. Ed. Massangana. São Paulo: Cortez, 1999.

⁹ José Matias dos Reis. Entrevista já citada.

população. É possível assinalar nesses depoimentos referências às dificuldades que boa parte da população encontrou para garantir a própria sobrevivência durante os anos de seca. São lembranças da infância e adolescência, provavelmente misturadas às histórias ouvidas ao longo dos anos.

Com o florescimento da economia aurífera, muitos sertanejos castigados pela seca buscaram alternativas nas serras como nos aponta seu Matias que nos contou a longa peregrinação de sua família por vários lugares da região em busca de condições de vida menos hostis. Conta ainda que quando retornaram para Jacobina e se fixaram no garimpo da Pingadeira, a situação melhorou pois: “fiquemo aqui no garimpo de ouro, tudo muito bom, tudo com muito dinheiro e muita coisa [...]”.¹⁰

Portanto, as péssimas condições proporcionadas pela seca com certeza exerceram papel decisivo para que muitos sertanejos se arriscassem nos garimpos de Jacobina em busca de uma saída para os impasses da crise vivida. Esse aspecto, aliado ao fascínio exercido pelo ouro, explica porque homens e mulheres foram suscetíveis aos apelos da imprensa que, por muitas vezes, apresentaram os garimpos como lugares privilegiados, nos quais a fartura e a abundância permitiriam a qualquer um enriquecer da noite para o dia.

A instalação das atividades de garimpagem nas serras de Jacobina, nesse período, parece ter encontrado um contexto nacional bastante favorável. Segundo Henrique Souza, nas décadas de trinta e quarenta, a garimpagem constituiu forma de sobrevivência e esperança de uma grande parcela da população pobre que migrou para a região dos garimpos jacobinenses. O desenvolvimento dessas atividades foi favorecido pela política do governo Vargas, “que compreendia a importância do ouro, para o equilíbrio da balança econômica”. Assim, a nova Legislação aurífera, observada principalmente no Código de Minas (1940) e a permanência do alto valor do ouro no mercado, por cerca de três décadas – 1930, 1940 e 1950 - deram margem para um trabalho intensivo de garimpagem nesta região.¹¹ Também no contexto internacional, parece ter havido condições favoráveis e estimulantes para a extração aurífera. Conforme um comunicado da Bolsa de Mercadorias

¹⁰ Idem.

¹¹ SOUZA, Henrique Capper Alves de. *Ouro na Serra de Jacobina (Estado da Bahia)* – Rio de Janeiro Ministério da Agricultura – Departamento Nacional de Produção Mineral – Divisão da Produção Mineral – Boletim nº 51 –, 1942, p. 16.

publicado no Diário Oficial, a produção mundial do ouro em 1934 teve um aumento de 13%, passando de 756.767 Kg no ano de 1932, para 862.222 Kg. Somente na América Latina onde houve uma maior produção, o aumento foi de 39%. Nessas estatísticas o Brasil figurava em 4º lugar com 4.408 quilos, demonstrando um aumento considerável na extração.¹²

Com esse quadro instituído no Brasil em 1934, houve um crescimento nas oportunidades de trabalho, desenvolvimento de vários ramos de atividades, e, conseqüentemente uma maior circulação de dinheiro. Esses fatores estimularam outras iniciativas e realizações, contribuindo para o equilíbrio da balança comercial. Essa valorização do ouro no mercado nacional e internacional beneficiou companhias de mineração e garimpeiros autônomos que trabalhavam na exploração desse metal. Portanto, as novas ocorrências auríferas das serras de Jacobina contaram com um contexto favorável a sua comercialização, e, seguindo a regra, atraíram um grande contingente de pessoas para uma economia de caráter peculiar, pois, diferente de outras, em muitos casos, os primeiros achados auríferos podem se tornar investimentos altamente lucrativos. Sem necessariamente passar pelo período de espera da rentabilidade dos investimentos aplicados em outras atividades, o ouro pode proporcionar repentinamente a chance de “bamburrar”,¹³ oferecendo ao garimpeiro ou minerador a oportunidade de enriquecimento rápido.

Tanto nas áreas próximas como nos locais mais distantes da cidade, desenvolveu-se um comércio intenso e lucrativo, em virtude dos garimpos. A descoberta do ouro por toda a serra instituiu novas relações entre a cidade e essas áreas. Através dos depoimentos percebe-se que o comércio informal foi amplamente disseminado. Nesse ramo as mulheres se destacavam levando aos garimpos diversos produtos, sendo que os gêneros alimentícios eram os mais comercializados por elas. As lembranças dos ex-garimpeiros, seu Matias e seu Manoel¹⁴ são povoadas de homens e mulheres que todos os dias subiam as serras puxando animais carregados de diversos produtos ou com balaios à cabeça para mercadejarem frutas, doces, bolos, pães, etc.

¹² Diário Oficial, sábado, 25/01/1936. (Comunicado da Bolsa de Mercadorias da Bahia) p. 1810.

¹³ Expressão que significa encontrar um filão aurífero. No caso do garimpo de pedras preciosas corresponde a encontrar uma pedra de grande valor.

¹⁴ Entrevista concedida em 03/03/2003, pelo ex-garimpeiro o Sr. Manoel Bispo de Almeida, na sua residência na localidade do Coxo de Dentro na zona rural de Jacobina.

Esse vai e vem instituído entre a cidade e o garimpo permitiu que além dos garimpeiros e compradores, outras pessoas participassem ativamente do cotidiano nas serras. Ainda segundo seu Matias, no bairro Félix Tomás, provavelmente no Monte Tabor, era possível presenciar todas as manhãs e nos fins de tarde a ida e vinda de pessoas que subiam as serras em busca do ouro e também para comercializar. A longa fila de mulheres, homens e crianças no trajeto da serra “parecia um formigueiro”.¹⁵

Nessas áreas, além do comércio do ouro, de produtos alimentícios, vestimentas, etc., estabeleceu-se também um lucrativo comércio de bebidas, jogos e prostituição. A chegada de milhares de forasteiros para os garimpos forçou a rápida constituição de uma rede de comércio e serviços improvisada e precária por toda a cidade e arredores. O impacto dessas novas ocorrências auríferas sobre as populações da cidade e dos garimpos pode ser verificado em todos os aspectos da vida local. Os novos empreendimentos criaram também expectativas em torno do progresso e desenvolvimento de Jacobina. Mas, o ouro possuía um papel ambíguo, se produzia grandeza, com seus altos lucros, era a pobreza que era socializada. As duras condições de trabalho exigiam do garimpeiro muita resistência, equilíbrio e controle fazendo com que esses trabalhadores enfrentassem com destemor vicissitudes que normalmente colocavam suas vidas em perigo.

CAMINHOS SOFRIDOS E MORADIAS PRECÁRIAS

Até 1930, Jacobina enfrentava a falta de estradas de rodagem que ligasse aquela região às demais partes da Bahia. O deslocamento era feito pela estrada de ferro Leste Brasileiro, cujo ramal Bonfim-França servia ao município de Jacobina com uma estação. Fora isso, estavam em construção estradas carroçáveis ligando Jacobina aos distritos e municípios vizinhos. Os caminhos que levavam às minas do entorno de Jacobina sofriam várias críticas em decorrência do mau estado de conservação. Em alguns lugares essas estradas eram inexistentes, para percorrer determinadas distâncias os garimpeiros se deslocavam a pé por verdadeiras trilhas, correndo riscos em função da grande quantidade de pedras e cortes de serras onde qualquer passo em falso representava perigos concretos à integridade física dos

¹⁵ José Matias dos Reis. Entrevista já citada

transeuntes. Era o risco de tombos mais graves, ficar preso entre as pedras ou mesmo a exposição a animais, como as constantes picadas de cobras.

Muitas das pessoas que chegaram a Jacobina em busca do ouro foram transportadas pelos trens da Ferrovia Leste Brasileiro, contudo, esse meio de transporte sofreu inúmeras críticas ao longo dos anos 30 e 40. A má qualidade dos serviços dessa companhia alimentou muitas notícias do jornal *O Lيدador* que sempre procurou expor todo o descontentamento dos usuários daqueles transportes. Com o aumento da quantidade de pessoas circulando na região de Jacobina, em função dos garimpos, o jornal denunciou a superlotação que se tornou comum no Ramal Bonfim-França chamando a atenção para o fato de que o movimento maior se concentrava na estação de Jacobina.¹⁶ Além dos incômodos e desconfortos da superlotação essas pessoas também estavam suscetíveis aos desastres que também ocorriam com os trens da Companhia.

No que diz respeito as outras alternativas de transportes nesse mesmo período, conforme o Anuário Estatístico da Bahia, havia em Jacobina, nos anos de 1930, três automóveis para passageiros, dois caminhões para carga e veículos movidos a tração animal (duas charretes para passageiros, oito carroças para carga e cento e vinte carros de boi). Havia também quatro bicicletas e quarenta e um carros de mão para carga. Já em 1937 os veículos automotores para passageiros e carga eram em número de treze e oito respectivamente.¹⁷ Quinze carroças de duas ou quatro rodas, sessenta e nove carros de boi, doze bicicletas e seis carrinhos de mão. Nota-se nesse período o gradativo aumento dos veículos automotores e a diminuição dos veículos movidos a tração animal.

Em função da escassez de transportes automotivos, a grande maioria das pessoas se locomovia utilizando animais ou a pé. Os próprios carros não pareciam dotados de maiores confortos e ao que parece, a superlotação era uma constante, já que as referências a um número grande de vítimas nos momentos de acidentes deixam entrever esse aspecto. Dessa forma, as questões de segurança extrapolavam as condições da estrada e a não observância da capacidade do veículo também significava situação de perigo.

¹⁶ *O Lيدador* nº 134 de 12/04/1936. (*Cento e oitenta passageiros viajando nos trens da Leste.*) p. 1.

¹⁷ Anuário Estatístico da Bahia (1929-1930) – Diretoria Geral de Estatística da Bahia - Imprensa Oficial do Estado, 1933, p. 516 e Anuário estatístico da Bahia - Ano IV - 1937 – Departamento de Estatística Geral e Publicidade – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Escola de Tip. Salesiana – Bahia, 1938, p. 124.

Já vimos anteriormente que o mau estado das estradas na região das minas dificultava o socorro imediato aos garimpeiros nos momentos de acidentes, mas as conseqüências desse mau estado de conservação não paravam por aí. Por várias vezes, O *Lidador* publicou queixas sobre a precariedade das estradas que ligavam a região das minas à cidade de Jacobina, chamando atenção para os desastres que ocorriam.

Em relação aos povoados que abrigavam os garimpeiros, observamos que, na maioria das vezes, surgiram repentinamente seguindo a trajetória da “febre” do ouro, e que um caráter de improvisado regia a edificação desses locais. Se a falta de estradas, iluminação adequada, escolas, médicos, melhores condições de higiene, segurança, etc, já eram problemas em cidades como Jacobina, que possuíam um mínimo de infra-estrutura, nas regiões das minas essas condições praticamente inexistiam. Barracas de palhas eram erguidas da noite para o dia formando verdadeiras ruas e abrigando uma grande quantidade de pessoas que não paravam de chegar, atraídas pelo sonho de mudarem de vida com a descoberta das supostas riquezas propaladas aos quatro ventos. Toda essa falta de organização na ordenação dos espaços, aliada ao tipo de construção que determinava o traçado dos povoados garimpeiros, favoreciam incêndios que, em pouco tempo, transformavam uma rua inteira de “casas” de palha em cinzas, colocando muitas famílias em situação de desamparo, quando não faziam vítimas fatais.

Sabendo que eram comuns os incêndios nesses locais busquei, durante as entrevistas, explicações para esses episódios. No entanto, as respostas obtidas pareciam dissociadas da realidade. No relato de uma das depoentes, dona Áurea, as lembranças de menina giram em torno de explicações que certamente ouviu muitas vezes. Ou seja, a associação entre o fogo e um provável espírito maligno, que rondava as minas de ouro: “Dizem que era um espírito. Sei não. Não sei o que era não. Não sei se era alguma chama do ouro, eu não sei. Sei que queimava e queimou vários lugares”.¹⁸

É provável que essa explicação relacionada a um espírito maligno tenha circulado na época como parte integrante de um conjunto de crenças que alimentava a imaginação dos garimpeiros. Seu Manoel Bispo, ex-garimpeiro do Coxo de Dentro também tem referências parecidas para explicar os incêndios nas regiões de garimpo. Ele nos contou que

¹⁸ Entrevista concedida nos dias 30 e 31 de julho de 2002 pela dona de casa Dona Áurea Borges Soares de Lima, na sua residência em Jacobina – Ba.

na região do Coxo de Dentro, o fogo grassou em muitos lugares e narrou em especial um dos incêndios ocorridos naquele povoado atribuindo a causa a um “castigo divino”. Vejamos a sua versão:

Esse [incêndio] daí [do Coxo] me pareceu que foi um castigo, pois, tava relampiano muito e trovejando e era assim detardizinha e então nesse lugar que incendiou tinha um casal de garimpeiro, dois garimpeiros e duas garimpeiras dentro das barracas, deitados numa rede dizendo o que bem queria pela boca e tomando pinga e faltando com o respeito não era? Pois se tava vendo o trovão como é que tava né? Tinha é que [...] Pois é [...] eles nem ligaram [...] [Um raio] pegou lá num lote de parmeira que tinha assim, pegou lá na serra e pegou aqui no acampamento do povo, ai o povo se alvoroçou [...] O fogo ainda queimou umas três barracas.¹⁹

Mais uma vez, o fato das barracas serem de palha e coladas uma nas outras passou despercebido para o garimpeiro acostumado a explicações sobrenaturais para entender os mais diversos aspectos da situação de pobreza dos garimpos. O dia com bastante relâmpago e trovões como foi relatado, ganha um *status* divino, pois, sendo essas forças atribuídas a Deus, na idéia de seu Manoel, o romance entre os garimpeiros afrontava essas forças naturais. Logo, o raio que atingiu as barracas foi mandado pelo criador para castigar aqueles que de certa forma o desrespeitava. Nesse sentido, o fogo que atingiu as barracas, cujas palhas incendiaram e propagaram o incêndio rapidamente, ajudado pelos ventos, deixa de ser um acidente e passa a ter um significado sobrenatural.

Aqui observamos a idéia de que as ações humanas seriam punidas por Deus através dos fenômenos naturais. Seja por meio de raios ou pela força das águas, tudo leva a crer que os garimpeiros, não obstante a consciência dos riscos inerentes as suas atividades, optavam por ver nesses acidentes uma forma de “expiarem” certa culpa em função de práticas condenáveis pela moral cristã, a exemplo do ato sexual dos garimpeiros.

Seja como for, a população garimpeira se via apavorada, em função da impotência de conter o avanço do fogo sem as devidas condições. Na falta de um combate adequado aos incêndios, os métodos empregados eram os mais improvisados possíveis, podendo ou não surtir efeito. Infelizmente não temos detalhes de como o fogo era contido, mas, conforme seu Manoel, a providência divina se fazia presente nesses momentos. Além disso, as pessoas se preocupavam em retirar das barracas próximas tudo o que o tempo permitisse.

¹⁹ Manoel Bispo de Almeida. Entrevista já citada.

Conforme *O Lيدador*, num incêndio ocorrido em 1936 no povoado do Itapicurú “os moradores locais empregaram os meios ao seu alcance dominando as chamas”. Desta vez, o fogo teve origem numa tenda de ferreiro e se espalhou rapidamente reduzindo a cinzas duas barracas contíguas. Segundo o jornal, o fogo não tomou maiores proporções graças à intervenção dos moradores. Mesmo não tendo sido registrado mortes nesses acontecimentos, os prejuízos materiais foram grandes, como informou o referido jornal ao anunciar mais um incêndio nas minas de Canavieiras. O fogo começou na barraca de um senhor de nome Baio e destruiu cerca de cinqüenta barracas, incluindo dois grandes barracões, o que, segundo a nota, representava “um grande prejuízo”.²⁰

Nenhum dos incêndios noticiados pelo Jornal apresentou vítimas fatais, no entanto, o registro de óbito de Francisco Bainta de vinte e três anos de idade, em 18/01/1941, acusava como causa da morte queimaduras generalizadas de 3º grau. Desprovidos de maiores detalhes, o atestado de óbito não nos dá certeza de ter sido em decorrência de incêndio, mas, durante as entrevistas tive notícias de que um morador da Rua da Missão havia morrido queimado em um dos muitos incêndios nos garimpos. Coincidência ou não, Francisco morava na Rua da Missão.

Conforme Laura de Mello e Souza, “o grupo dos garimpeiros foi um dos mais solidários de que se teve notícia no período colonial”,²¹ pelo visto, solidariedade foi o que não faltou entre os garimpeiros da serra de Jacobina em pleno século XX. Característica, aliás, que não podia ser diferente diante do abandono a que estes trabalhadores estavam condenados por parte dos poderes públicos constituídos. Como vimos, nos momentos difíceis como nas ocasiões dos incêndios, as ações conjuntas dos garimpeiros foram fundamentais para evitar tragédias maiores. Assim como nos momentos das doenças ou nos terríveis acidentes, uns sempre podiam contar com os outros.

ENTRE MÉDICOS E CURANDEIROS: AS DOENÇAS NO GARIMPO.

Ao estudar o Jarê, uma manifestação religiosa da Chapada Diamantina, Ronaldo Senna constatou que muitos dos problemas de saúde que afligiam os garimpeiros daquela

²⁰ *O Lيدador* nº 165 de 20/12/1936. (*Incêndio no Itapicurú*) p. 4 e *O Lيدador* nº 222 de 03/02/1938. (*Incêndio nas Minas de Canavieira*) p. 3.

²¹ SOUZA, Laura de Mello e. Op. Cit. p. 203

área estavam relacionados “à subnutrição, a uma vida de penúria, aos desgastes físicos e emocionais e um ambiente hostil a todos eles”.²² Os garimpeiros de Jacobina pareciam repetir sorte semelhante àqueles da Chapada. Pelos depoimentos, percebe-se que mesmo tendo acesso a outros alimentos, a rapadura e a farinha constituíam itens básicos da comida de grande parte das pessoas que trabalhavam nos garimpos. Portanto, faltavam-lhes nutrientes que proporcionassem as calorias e outras substâncias adequadas a uma dieta mais saudável.

Dentre as doenças recorrentes entre os garimpeiros e suas famílias identificam-se males geralmente associados às populações pobres decorrentes da subnutrição, verminoses entre outros. Para analisar melhor as questões relacionadas às doenças que atingiam os garimpeiros, seria interessante pensar também as condições de saúde desse grupo profissional. A ausência de indicadores mais seguros que apontem os níveis de saúde dessas pessoas no período estudado, não nos permite afirmações mais incisivas. No entanto, as notícias de jornal, os atestados de óbito e os depoimentos dos informantes permitem algumas ilações.

A situação de pobreza a que era submetida à população garimpeira desencadeava problemas de saúde que eram agravados pela ausência do socorro médico. Situação que os deixava a mercê da sorte e da esperança de que nos momentos necessários, os companheiros conseguissem transportá-los o mais breve possível por estradas, cujas condições de tráfego eram as mais precárias e dificultavam o acesso aos serviços que deveriam fazer parte do seu cotidiano.

Certamente, a população dos garimpos não era a única a ser atingida por doenças inclusive as contagiosas que proliferaram nas décadas de trinta e quarenta. Na cidade de Jacobina e vilas vizinhas ocorreram muitos casos de varíola, febre amarela, febre tifóide, malária, entre outras. Porém, se as condições higiênicas que sempre favoreceram os surtos, epidemias, etc. já eram um problema bastante criticado em Jacobina, que era o centro de toda a região garimpeira, nos locais de garimpo essas condições se tornavam ainda mais complicadas. A pobreza, a sujeira e a insalubridade que em épocas remotas já haviam facilitado a presença de epidemias do cólera-morbo, febre amarela, varíola, etc., como as

²² SENNA, Ronaldo de Salles. *Jarê: Manifestação Religiosa na Chapada Diamantina*. São Paulo. USP, 1984. (Tese de Doutorado) p. 301.

que ocorreram na Bahia durante o século XIX, ainda se faziam presentes em muitas cidades da Bahia em pleno século XX. Esse era o caso de Jacobina e principalmente dos seus arredores nas serras. Além disso, a alta concentração de pessoas nesses locais favorecia o contágio de doenças, que em alguns casos tornaram-se fatais.

Na literatura sobre o garimpo as questões relacionadas à saúde do garimpeiro estão associadas, na maioria das vezes, com o trabalho e com os locais onde a lida se realiza. A exposição, sem a devida proteção às temperaturas muito baixas nas serras, o permanente contato com a água e a constante exposição do corpo durante o trabalho deixava os garimpeiros suscetíveis a insetos, muitas vezes transmissores de doenças infecto-contagiosas. A grande concentração de garimpeiros em pequenos espaços como já falamos, facilitava a insalubridade que era favorecida pelo escoamento de dejetos ou da poluição da água. Várias doenças como a varíola, a sífilis, verminoses, impaludismo, enterite, tuberculose, pneumonia, entre outras acometiam a população garimpeira, atingindo também os seus filhos.

Provavelmente, em 1940, Jacobina esteve sob a ameaça também da febre amarela, pois, após fortes chuvas a presença de muitos mosquitos que se proliferaram nas águas estagnadas, incentivou a visita do Dr. Guilhermino Silveira, diretor do Serviço Nacional de Febre Amarela a fim de investigar as condições sanitárias da cidade. O jornal sugeriu que se formasse um bom contingente de guardas para iniciar o combate aos incômodos pernilongos.²³ Nessa ocasião o Dr. Hidalgo, médico da higiene, se encontrava em Salvador para tratamento de saúde. Os moradores da cidade, ao que parece aproveitando a ausência dele, se sentiram mais à vontade para transgredirem as determinações do “Delegado da Higiene”.

A transgressão dos costumes higiênicos até os dias de hoje, certamente também ocorria nos locais dos garimpos. Se na cidade a presença do Delegado da Higiene não impedia certos hábitos pouco saudáveis, na região das minas, com esgotos a céu aberto, barracas de chão batido sem as mínimas exigências sanitárias e ruas sem calçamento, os focos de doenças pareciam ser constantes. Logo após as chuvas, a lama costumava tomar conta desses locais e os mosquitos também se proliferavam traduzindo-se em riscos constantes para a saúde dos garimpeiros.

²³ *O Lidador* nº 321 de 17/03/1940. (*Vem investigar o estado sanitário da cidade*) p. 1.

A ausência de médicos e a falta de infra-estrutura das áreas onde residiam os garimpeiros, com certeza foi um fator decisivo para a configuração desse quadro. O Sr. Manoel Bispo, depoente já citado, nos relatou as dificuldades que enfrentavam quando alguém adoecia no Coxo de Dentro - um dos garimpos de ouro e também de ametista. A busca pelo médico na cidade de Jacobina era muitas vezes dificultada pelo fato de não encontrar esse profissional na cidade e pela falta de estradas.

Não tendo socorro médico e condições de saúde asseguradas pelos poderes públicos, a população dessas áreas recorria às práticas curativas que se mostravam acessíveis. Na cidade de Jacobina e povoados vizinhos era comum a existência dos chamados “curandeiros”. Pessoas que, combatidas pela polícia, tanto se dedicavam a prática do candomblé, como a fabricação das “garrafadas” que prometiam a cura para várias doenças. Ao perseguir essas pessoas, o delegado costumava revelar as fórmulas das garrafadas. Atitude que implicava desmascarar e desqualificar o trabalho desses agentes. Foi o que ocorreu com a composição usada pelo “curandeiro” de nome Eduardo, que prometia a cura de certas doenças.

Para sífilis aplicava Eduardo uma garrafada composta de vinho de jurubeba com pós de Joanes; para o estômago e intestinos, bálsamo Galdino e vinho de jurubeba; para dor de dente, folhas de losna em infusão com sal; além de outras fórmulas diabólicas, que a sua mentalidade criara.²⁴

Ao se referir às “fórmulas diabólicas” do curandeiro, o Jornal demonstrou claramente a intenção de demonizar essas práticas. Contudo, as pessoas buscavam essas alternativas, pois, Domingos Vilela, preso em Jacobina quando vendia esse tipo de remédio na feira daquela cidade - que segundo ele era de sua própria fabricação na Avenida Rio Branco do Rio de Janeiro, - ao ser solto, “fabricou nova quantidade de drogas” e dirigiu-se aos feirantes do Itapicurú, entre os quais, conforme o jornal, alcançou sucesso já que os remédios de Vilela destinavam-se a matar coceiras, expelir vermes em geral, e combater dores de cabeça e dentes, assim como sarar mordeduras de cobras. Ciente da reincidência, o médico da higiene, expulsou Domingos da cidade, não sem antes, submeter a exame a medicação de Vilela e revelar que se tratava de “tapioca, para vermes, hemorróidas e prisão de ventre; um composto de essência de canela, cânfora e água, denominado bálsamo, para

²⁴ *O Lidador* nº 293 de 27/08/1939. (*Vinho de jurubeba com pós de joanes! A garrafada anti-sifilítica do curandeiro*) p. 4.

dores; sabão de côco com anilina, para moléstias da pele; tapioca e pós de joanes, para veneno de cobras”.²⁵

A atitude do Delegado da Higiene em revelar os componentes dos medicamentos equivale à tentativa de desmonte do que a medicina concebia como charlatanismo. Trata-se da oposição entre o médico e o charlatão, questões, cujas origens estão fincadas desde o século XIX, quando, “o projeto médico defende e justifica uma sociedade medicalizada, lutando por uma posição em que o direito, a educação, a política, a moral seriam condicionadas a seu saber”.²⁶ Logo, os curandeiros da região de Jacobina afrontavam o saber médico, uma vez que, o charlatanismo foi visto como “desvio” desde o século XIX. Assim, os indivíduos que ousavam ocupar as funções que eram da competência do médico, estavam sujeitos a uma legislação que via como “crime” essas práticas e uma ameaça à “verdadeira medicina”.²⁷ Em plena década de 40 do século XX, o discurso médico se fazia presente em Jacobina, intervindo na realidade, assessorando e criticando medidas anti-higiênicas.

No caso dos garimpeiros de Jacobina, o uso de práticas alternativas demonstra opções culturais, mas, indica também que os garimpeiros se sentiam mais próximos dos curandeiros e rezadeiras, do que da figura distante e rara do médico. Além disso, o falso fausto que envolve as atividades auríferas camufla na maioria das vezes, a miséria e pobreza que circundam essas áreas. Assim, não devia ser muito fácil para os trabalhadores dos garimpos o acesso aos medicamentos, que não eram enviados para o Posto de Higiene de forma a ser distribuído gratuitamente para a população carente. Portanto, buscar nas ervas e garrafadas a cura ou alívio dos males que os afligiam era prática recorrente entre os garimpeiros da região.

Restava também aos que habitavam nas áreas dos garimpos o recurso ao farmacêutico. Fazendo muitas vezes o papel do médico, os donos de farmácia, que nem sempre tinham a formação adequada, socorriam a quem necessitasse de assistência médica. Suas ações iam desde a prescrição de remédios, até as consultas em situações emergenciais, como demonstra Dona Áurea ao narrar o falecimento do pai:

²⁵ *O Lidador* nº 307 de 03/12/1939. (*O homem do papa-vento. Teimou com a autoridade sanitária, e foi parar na cadeia*) p. 1.

²⁶ MACHADO, Roberto; LOUREIRO, Ângela; LUZ, Rogério e MURICY, Kátia. *Danação da Norma – Medicina Social e Constituição da Psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978. p. 194.

²⁷ Idem. Sobre essas questões consultar a II parte do trabalho, intitulada: Melhor prevenir que remediar.

Então a moça que morava com a gente disse: “Aurinha vai chamar o farmacêutico ali pra dar uma injeção no teu pai que eu tô achando ele mole, muito mole”. Ai eu fui, cheguei e chamei seu Teófilo, ele panhou os materiais e seguiu comigo. Quando chegou, ele tava com uma fita de sangue derramando assim na boca. A veia do coração quebrou.²⁸

Como se vê, não era uma situação qualquer, ao que parece o estado de saúde do pai da depoente necessitava de um recurso médico, que mesmo não podendo eliminar o risco da morte, se fosse o caso, teria condições de dar um diagnóstico mais preciso sobre o caso. No entanto, os depoimentos dão indícios de que tanto em casos mais graves quanto nos mais simples, recorria-se ao expediente do farmacêutico. Comparado com o curador ou curandeiro, a presença do farmacêutico parecia ser mais tolerada pelas autoridades médicas. Não encontrei nenhum indício de que o Delegado da Higiene tenha tomado alguma medida de repressão aos cuidados dispensados pelos farmacêuticos.

As condições de saúde não só dos garimpeiros, mas de todos que habitavam a região de Jacobina nas décadas de trinta e quarenta do século XX tornavam-se ainda mais difíceis diante da inacessibilidade a recursos médicos e medicamentos adequados. Situação que os tornavam susceptíveis aos embustes de pessoas inescrupulosas que tentavam tirar vantagem da situação. Como, por exemplo, o Dr. Minabú Santos que apareceu no Itapicurú e passou a clinicar. A polícia descobriu que o referido cidadão nunca havia cursado nenhuma Faculdade de Medicina e nada entendia do assunto. No entanto, por algum tempo, o falsário conseguiu enganar aos moradores do Itapicurú passando-se por médico.²⁹

Às já comentadas condições de vida dos garimpeiros, acrescenta-se as limitações da Legislação Brasileira que, nesse caso, legalizava a situação de abandono a que estavam confinados esses trabalhadores. Conforme o artigo 72 do Código de Minas, o trabalho do garimpeiro se caracteriza pelo caráter individual, sempre por conta própria.³⁰ Na prática não era o que acontecia, pois muitos garimpeiros tinham que manter as famílias enquanto não descobriam o ouro, e, não dispor de recursos financeiros suficientes para bancar um garimpo nesse meio tempo, acabavam como empregado ou meia-praça nos serviços de ouro

²⁸ Dona Áurea Borges. Entrevista já citada.

²⁹ *O Lidador* nº 194 de 18/07/1937. (*Bancava doutor e por isso foi encanado*) p. 1.

³⁰ Ver os Artigos 70 e 71 do Decreto-Lei nº 1.985, de 29 de janeiro de 1940. (Código de Minas). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del0227.htm. Consultado em: 20/05/2002. Ver também: RIBEIRO, A. Varela. *Garimpagem: seus aspectos jurídico-sociais*. s/ed. Rio de Janeiro, 1946.

explorados pelos grandes proprietários de garimpos, no entanto, do ponto de vista de benefícios ele era completamente lesado. Nesse sentido, o *status* de trabalhador autônomo não só lhe tirava o acesso aos direitos previstos por lei, como impedia que lhe fosse dada, obrigatoriamente, qualquer assistência médica, mesmo porque os direitos trabalhistas tão alardeados no período mal atendiam aos trabalhadores urbanos e não eram estendidos a uma variada gama de trabalhadores.

Brodwyn Fischer, ao examinar os instrumentos legais de regulamentação do trabalho no Rio de Janeiro nas décadas de 1930 e 1940, aponta a ambigüidade legal da legislação social elaborada pelo governo Vargas, destacando o grande abismo entre a lei e a prática. Essa autora analisa as lacunas dessa legislação e evidencia a estreita relação existente entre a ausência de direitos e a pobreza no Rio de Janeiro, demonstrando que o “*status*” de trabalhador não era suficiente para que os direitos contidos na legislação trabalhista fossem estendidos a todos. Havia um grupo enorme de pessoas que podiam descrever a si mesmas “como trabalhadores no sentido literal do termo”, porém, ficaram á margem da lei em virtude da natureza da atividade desenvolvida e/ ou ausência de organização formal. Nesse grupo, que, segundo Fischer, encontravam-se: “agricultores, trabalhadores autônomos ou domésticos, ou trabalhadores informais em fábricas, construções e transportes”, no caso de Jacobina, podemos incluir os garimpeiros. Tidos como trabalhadores “livres”, esses, vivenciavam de perto as experiências produzidas pela situação de miséria e, tal qual, os trabalhadores e pobres do Rio de Janeiro, estavam longe de se beneficiarem dos direitos apregoados pela legislação social do governo Vargas.³¹

Herberto Sales, ao elaborar um documentário sobre os garimpos da Bahia, baseando-se em amplo conhecimento acerca das Lavras Diamantinas, enfatizou a ausência de direitos dos garimpeiros, demonstrando que a legislação social do período não

³¹ Sobre a legislação trabalhista elaborada no governo de Getúlio Vargas ver: FISCHER, Brodwyn. Direitos por lei ou leis por direito? Pobreza e ambigüidade legal no Estado Novo e FRENCH Jonh D. Proclamando leis, metendo o pau e lutando por direitos.. A questão social como caso de polícia, 1920-1964. In: LARA, Silvia Hunold e MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. (org.) *Direitos e Justiça no Brasil: ensaios de História Social*, Campinas, SP: editora da Unicamp, 2006. (p. 417-456 e 379-416, respectivamente). Ver também: Neves, Berenice Abreu de Castro. A memória do *raid* de 1941. In: *Anais do VI Encontro Nacional de História Oral – Tempo e Narrativa*. (Mídia digital ISBN 85-08935401-6) São Paulo: USP, 2002. FERREIRA, Jorge. (org.) *O populismo e sua história. Debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001; FERREIRA, Jorge. *Trabalhadores do Brasil. O imaginário popular*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997 e GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do Trabalho*. Rio de Janeiro: Vértice/Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1988.

contemplava os milhares de trabalhadores nesse tipo de atividade. Segundo ele, tratava-se de indivíduos sem acesso aos direitos referidos na legislação. Ressaltando as condições precárias de trabalho, Herberto chama a atenção para a ausência de uma assistência médica especialmente nos acidentes de trabalho e informa que, quando por ventura era prestada socorro ao garimpeiro, tal atitude era vista apenas como filantropia e não por obrigatoriedade da lei que regulamentava o direito do trabalhador.³²

Em se tratando, dos garimpos de Jacobina, podemos afirmar que a situação não era diferente. Mesmo quando o Brasil passou a contar com os benefícios de uma Legislação Trabalhista, os trabalhadores dos garimpos nas serras de Jacobina viviam à margem dela e, quando alguma assistência era prestada, ficava por conta do “favor” do empregador que possuía “boa vontade” e não como resultado do amparo legal. Tal situação nos reporta às considerações de Fischer sobre como a legislação da era Vargas tornava formal a divisão entre caridade e justiça. Já que para boa parte da população pobre, não existia a opção de reclamar direitos, dada à ambigüidade legal imposta³³, restava aos pobres, nesse caso, aos garimpeiros, apelarem para a concessão de favores tanto dos que detinham as posses dos garimpos, quanto dos políticos locais. Situação muito bem aproveitada por Leonídio Miranda, um dos maiores proprietários de garimpos, o coronel Francisco Rocha Pires e pelo prefeito Reinaldo Jacobina. Esses senhores eram freqüentemente citados pelo jornal, como “benfeitores” e “protetores” dos garimpeiros.³⁴

Assim como outras categorias que no Brasil inteiro, eram desprovidas da assistência médica e de direitos trabalhistas, no caso dos garimpeiros, essas ausências assumiam um caráter terrivelmente sério, se por acaso o garimpeiro adoecesse nenhum dispositivo legal lhe asseguraria o tratamento. Daí, serem comuns, ainda conforme Sales, que proprietários de garimpos despedissem garimpeiros com estado de saúde precário, na maioria das vezes

³² SALES, Herberto. *Garimpos da Bahia* – Documentário da Vida Rural Nº 8 – Ministério da Agricultura – Serviço de Informação Agrícola. Rio de Janeiro, 1955. p. 34

³³ FISCHER, Brodwyn. Direitos por lei ou leis por direito? Pobreza e ambigüidade legal no Estado Novo. In: LARA, Silvia Hunold e MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. (org.) *Direitos e Justiça no Brasil: ensaios de História Social*, Campinas, SP: editora da Unicamp, 2006.p. 417-456.

³⁴ Esse aspecto foi discutido por mim quando verifiquei a inserção do Coronel Francisco Rocha Pires no universo garimpeiro intensificando os conflitos que marcaram as disputas pelo ouro na região de Jacobina. ver: JESUS, Zeneide Rios de. *Eldorado Sertanejo: garimpos e garimpeiros nas Serras de Jacobina*. Salvador, UFBA. 2005. (Dissertação de Mestrado, especialmente o capítulo IV).

em decorrência do próprio trabalho, após constatarem que não eram mais produtivos. A esses trabalhadores, restava em muitos casos a mendicância.³⁵

Analisando tais experiências e constatando a ausência do Estado em questões fundamentais para garantir condições dignas de vida, podemos nos basear nas análises de Bourdieu sobre a miséria do mundo e concluir que esses trabalhadores onde quer que se situem sobreviveram – alguns ainda sobrevivem - em:

Circunstâncias semelhantes de insegurança social permanente, onde a vida se resume na arte de sobreviver e de fazer o melhor que se pode com o pouco que se tem, isto é, três vezes nada, o presente é tão incerto que ele devora o futuro e se proíbe de o conceber de outro modo que sob a forma de sonho.³⁶

Portanto, a vida dos garimpeiros era pautada tanto pelo sonho do enriquecimento rápido quanto por riscos que apesar de estarem relacionados diretamente ao trabalho, eram agravados pelas péssimas condições de vida a que eram submetidos e a um insuficiente apoio dos poderes públicos, que na maioria dos casos não supriam as necessidades básicas de uma população que aumentava cada vez mais e se arriscava na busca pela sobrevivência. Mas se todas essas questões colaboravam mais ou menos indiretamente para que a atividade garimpeira fosse uma atividade de alto risco, os acidentes de trabalho se relacionavam de forma bastante direta ao cotidiano garimpeiro, expondo-os aos inúmeros perigos que, de forma trágica, fizeram dezenas de vítimas nos garimpos das serras de Jacobina.

EXPLOSÕES E DESABAMENTOS: OS TEMORES MAIS DIRETOS QUE AFLIGIAM AOS GARIMPEIROS

Muitos dos acidentes de trabalho aconteciam no momento da preparação dos explosivos que deveriam abrir buracos nas serras. Foi o caso de quatro garimpeiros que “carregavam” uma mina nos garimpos de “Cuia”, quando esta inesperadamente explodiu causando-lhes horríveis ferimentos. Dois deles, mais gravemente feridos, foram transportados para Jacobina e internados no Hospital Antonio Teixeira Sobrinho, onde foram medicados. Já no garimpo da Jaqueira a vítima foi Egidio de Tal, que conforme o jornal

³⁵ SALES, Herberto. *Garimpos da Bahia* – Documentário da Vida Rural Nº 8 – Ministério da Agricultura – Serviço de Informação Agrícola. Rio de Janeiro, 1955. p. 34

³⁶ BOURDIEU, Pierre. *A Miséria do Mundo*, 5ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 189.

chegou a Jacobina com o rosto gravemente ferido por estilhaços de pedra, pois, ao preparar o “tiro” que romperia a rocha, a explosão ocorreu inesperadamente atingindo o garimpeiro.³⁷

A falta de cuidado ao manusear os explosivos podia não fazer vítimas fatais, mas quase sempre causava mutilações. Foi o que ocorreu com Herculano de Tal. Em 1936, quando trabalhava nos garimpo do Córrego esse garimpeiro foi gravemente ferido na mão direita e levemente nos olhos e em outras partes do corpo quando uma espoleta de clorato explodiu. Herculano escapou desse acidente, entretanto, teve um dos dedos amputados. Também foi vítima de acidentes desse tipo, o faiscador de ouro Alfredo Machado, de 20 anos, natural da cidade de Itiúba, quando trabalhava num garimpo nos arredores da cidade e teve a perna esquerda amputada em consequência da “luxação de todos os tecidos com abertura no terço médio e fratura transversal da tíbia”.³⁸

Já no garimpo das Figuras, os faiscadores Cláudio e Francisco também foram vítimas de mais um acidente grave provocado pela imprudência, pois, o tiro que preparavam para perfurar a rocha foi disparado antes da hora, deixando os dois garimpeiros gravemente feridos. No Garimpo do Córrego, José de Tal “desembuchava” uma espoleta quando a mesma explodiu fazendo voar estilhaços que lhes causaram sérios ferimentos no rosto e nos braços. Destino igual teve José Serafim, conhecido por Zezinho. Esse trabalhador era natural de América Dourada e trabalhava a apenas um mês nos garimpos Ribeirão, no distrito do Caen quando foi gravemente ferido em consequência de uma explosão. Seguindo o costume entre os garimpeiros e dispondo apenas desses recursos, Zezinho foi transportado em rede para Jacobina.³⁹

As explosões também podiam ser fatais. Num dos garimpos do Itapicurú, Apolinário Pereira perdeu a vida quando um dos seus companheiros que trabalhava num “serviço de ouro” ao lado do seu, “pôs fogo à mina” sem lhe dar o devido aviso, como era de praxe. Apolinário foi atingido por um bloco de pedra arremessado com a explosão. Já no garimpo denominado Peritoso, em Canavieiras, o faiscador Isaac Barros Rios, ao preparar um tiro de

³⁷ *O Lidador* nº 156 de 04/10/1936. (*Desastre e facadas nos garimpos*) p. 1. E *O Lidador* nº 215 de 12/12/1937. (*Desastre no garimpo*) p. 1.

³⁸ *O Lidador* nº 137 de 03/05/1936. (*Quase perde a vida no garimpo*) p. 1. E *O Lidador* nº 256 de 09/10/1938. (*Cavando ouro, teve uma perna inutilizada por violenta explosão*) p. 1.

³⁹ *O Lidador* nº 262 de 27/11/1938. (*Feridos nos garimpos de Figuras*) p. 1, *O Lidador* nº 149 de 02/08/1936. (*Trabalhando nas minas*) p. 4 e *O Lidador* nº 285 de 14/05/1939. (*Ferido nas minas*) p. 1.

clorato tornou-se mais uma vítima dos desastres do garimpo. Com vinte anos de idade, era natural de Mundo Novo e ao que parece filho de pessoa conhecida e muito bem quista na sociedade jacobinense. A morte do faiscador foi decorrente da explosão provocada pelo clorato com açúcar que fez com que os estilhaços da rocha o atingissem causando ferimentos mortais.⁴⁰

Além de explosões, os desabamentos de pedras e barrancos em função das escavações marcaram alguns dos acidentes fatais nas serras de Jacobina. Nos garimpos de Canavieiras as notícias sobre um grave acidente abalaram o povoado e toda a população garimpeira. Num sábado de agosto de 1939 dois faiscadores Antonio de Tal e Anísio Santos, ambos com dezenove anos de idade, perderam a vida em decorrência de um esmagamento quando um enorme bloco de terra e pedra caiu sobre eles. Dois dos seus companheiros ficaram gravemente feridos.⁴¹

Em 28 de fevereiro de 1940, em decorrência das fortes chuvas que caíram na região, os garimpeiros de Maravilha, nas serras de Jacobina, foram tomados de surpresa pelo desmoronamento de uma grande pedra que atingiu Otaviano de Tal natural do Morro do Chapéu provocando morte instantânea.⁴² O senhor Matias, ao descrever os tipos de garimpo existentes na região de Jacobina nos informou que os desabamentos eram recorrentes e estavam relacionados às características do trabalho realizado: “Morreu muita gente de desabamento de serra, porque o ouro cavado no tiro não desaba, agora o ouro que dá embaixo na areia para entrar na terra sem a pedra, arrisca desabar. Morreu muita gente arroiado dentro dos cortes”.⁴³

Outro tipo de acidente que costumava ocorrer nos garimpos era o de sufocamento por inalação dos gases provenientes das candeias ou candeieiros que os garimpeiros usavam para iluminar o interior dos buracos em que cavavam em busca do ouro. Machado Neto observou que esse tipo de acidente foi comum em Lençóis, mas, em época remota. Na década de 70, quando realizou o estudo, não encontrou nenhum registro dessa natureza.⁴⁴

⁴⁰ *O Lidador* nº 309 de 17/12/1939. (*Desastre no garimpo*) p. 1 e *O Lidador* nº 292 de 20/08/1939. (*Terrível desastre nos garimpos de “canavieira”*) p. 1.

⁴¹ *O Lidador* nº 292 de 20e/08/1939. (*Terrível desastre nos garimpos de “canavieira”*) p. 1.

⁴² *O Lidador* nº 320 de 10/03/1940. (*Garimpos Maravilha*) p. 1.

⁴³ José Matias dos Reis. Entrevista já citada.

⁴⁴ MACHADO NETO, Zahidé e BRAGA, Célia Maria Leal. *Garimpos e garimpeiros na Bahia*. Governo do Estado da Bahia – Secretaria das Minas e Energia – coordenação da produção Mineral e Universidade Federal da Bahia-Salvador: 1974. p.185.

No caso da região de Jacobina, não encontrei nos jornais nenhum caso que indicasse esse tipo de acidente. No entanto, um dos atestados de óbito apontam como causa da morte do garimpeiro de trinta anos, Tertuliano R. Macedo, em 30 de dezembro de 1940, “asfixia por submissão acidental”, mas, não deixa claro em que condições se deu esse óbito.

AGENTES QUÍMICOS E POLUIÇÃO: PERIGOS QUE NÃO ASSUSTAVAM OS GARIMPEIROS

Os agentes químicos que envolviam a atividade garimpeira eram outro aspecto que implicava em riscos para a população tanto nos garimpos como para aqueles que não estavam diretamente ligados a esse tipo de trabalho. O uso indiscriminado do mercúrio, elemento metálico, líquido e venenoso utilizado para processar o ouro foi uma constante nos garimpos das serras de Jacobina. Conhecido pelos garimpeiros como azougue, esse elemento químico era manuseado diariamente pelos mesmos que, ao que parece, não tinham noção alguma do perigo a que estavam expostos. É o que demonstra a experiência descrita por seu Matias, que considerava o azougue um elemento vivo e desconhecia totalmente os efeitos maléficos do produto:

O azougue, a senhora bota uma bolinha de azougue assim na mão se a senhora pestanejar, qualquer coisa ele pula fora. Porque ele é vivo, pra botar uma quantidade de azougue na boca de 15 a 20 gramas não tem beijo que segure. Pode trancar os beijos como fosse, se virar a boca assim ele derrama.⁴⁵

Estranhando a atitude do garimpeiro em colocar mercúrio na boca, indaguei-lhe sobre o perigo dessa experiência, seu Matias negou veementemente esse risco: “Não, não era não”. Além disso, esse depoente contou que trabalhando no Garimpo Maravilha passou um dia inteiro em contato direto com o mercúrio, pois durante o preparo da bateia para começar a lavagem do cascalho, derramou o produto que se espalhou em gotas no fundo do rio.

Conforme seu Matias, a Maravilha não foi um garimpo em que ele teve muita sorte. Sem dinheiro, passando fome e sem os devidos instrumentos de trabalho, o garimpeiro encontrou um senhor que lhe emprestou uma bateia, mas teve que alugar o azougue, o aluguel desse produto seria pago após ter encontrado o ouro. Quando acidentalmente

⁴⁵ José Matias dos Reis. Entrevista já citada.

derrubou o mercúrio, seu Matias se viu na obrigação de tentar recuperá-lo, pois teria que devolver ao comerciante que o alugou exatamente a quantidade que havia pegado. Após um dia inteiro de trabalho lavando a areia do rio na tentativa de recuperar as 100 gramas de mercúrio perdidas, seu Matias com receio de não conseguir reunir todo o produto fugiu sem pagar ao comerciante, abandonando também a esperança de conseguir o ouro “nas Maravilhas”. Com bom humor, o garimpeiro contou que chegando em casa teve a curiosidade de pesar o mercúrio e constatou que o trabalho de um dia inteiro lavando a areia do rio tinha-lhe rendido 110 gramas, ou seja, 10 gramas a mais do que havia alugado.

Mais do que a constatação de que seu Matias havia se precipitado em fugir sem pagar o aluguel é a percepção de que restos de mercúrio ficavam depositados no fundo dos rios, poluindo-os e colocando em risco todas as pessoas e animais que utilizavam as águas dos mesmos. O rio do Ouro, que corta ao meio a cidade de Jacobina e era responsável pelo abastecimento de água potável foi amplamente atingido pela ação dos garimpeiros, principalmente quando usavam o mercúrio. Muitas foram as reclamações acerca do trabalho dos garimpeiros que contaminavam suas águas. Em 06 de dezembro de 1936, O Lidador publicou uma nota intitulada “Quem quer ganhar dinheiro?”. Com indignação o jornal sugeria que quem quisesse ganhar dinheiro e ao mesmo tempo prestar um benefício à saúde do povo, explorasse o serviço de abastecimento de água,

A água do rio do Ouro, que, até pouco tempo era excelente pela sua pureza, de alguns dias para cá está com péssimo sabor [...]

Entretanto como não temos esperança de que, enquanto houver garimpos e banhos no citado rio, a sua água recobre o estado de pureza primitivo, fazemos um apelo a quem interessar no sentido de explorar, nesta cidade, o serviço de abastecimento d’água, que poderá ser conduzida da CAIXA D’AGUA, ou de perto da BARRAGEM em costas de JEGUE, como se faz em outras localidades. Um bom negócio, não há dúvida [...]⁴⁶

Em treze de agosto de 1939, o sargento Geremias deu uma batida na barragem do rio do Ouro e flagrou doze garimpeiros lavando cascalho. O Lidador noticiou a prisão efetuada e reforçou a acusação ao trabalho de garimpagem como agente poluidor do rio. As esperanças de que essa situação fosse controlada foi depositada em Geremias: “Oxalá que o

⁴⁶ O Lidador nº 163 de 06/12/1936. (*Quem quer ganhar dinheiro?*) p. 4.

aludido militar tome a sério liquidar com os garimpos do rio do Ouro cuja água contaminada e doentia, está minando a saúde do povo”.⁴⁷

Pelo visto Geremias não foi capaz de dar fim ao problema, pois, no ano de 1940 ainda eram recorrentes as reclamações em virtude das ações dos garimpeiros no rio do Ouro. A prefeitura Municipal de Jacobina, juntamente com o diretor de higiene e o delegado de polícia, por várias vezes chamaram a atenção das pessoas para a impertinência dos costumes de tomar banho, lavar roupas e garimpar no rio, no entanto, as proibições não eram suficientes para que as pessoas mudassem de comportamento. Os apelos para que tomassem consciência de que o rio abastecia a cidade de água potável não coíbiam essas práticas, principalmente a da garimpagem. O costume de “lavar ouro” nas imediações da barragem do rio do Ouro poluía as águas com o mercúrio usado para separar o ouro do cascalho e conforme o jornal aumentava os riscos em torno da saúde da população. A matéria intitulada “Água de cascalho” demonstra a falta de fiscalização, embora, ao longo dos anos, os poderes públicos tenham tido trabalho para impedir a poluição do rio.

Apesar das medidas tomadas pela polícia e da prisão de alguns garimpeiros, a população continuava bebendo água de cascalho, sinal de que muitos garimpeiros burlavam a polícia e continuavam a depositar no rio água proveniente da lavagem dos cascalhos impregnada de mercúrio e lama. Tudo isso somado aos hábitos da população fizeram com que o jornal solicitasse um “zelador” para o rio do Ouro. Tal funcionário deveria impedir que a população usasse o rio para tomar banho, escovar os dentes, lavar roupas, banhar animais, dentre outras práticas pouco recomendáveis.⁴⁸

Considerando todos os perigos que foram apontados até aqui, não seria exagero sugerir que o garimpeiro, apesar de apontado como alguém que polui indiscriminadamente o ambiente, é também mais uma vítima das ações inseqüentes do homem para com a natureza. Seja por cobiça ou por necessidade, as formas de exploração aurífera nas serras de Jacobina conduziram a um processo de poluição e alteração do meio ambiente que muitas vezes demonstrou não só irresponsabilidade, mas, também, falta de conhecimento e consciência dos trabalhadores do garimpo em relação ao alcance das suas ações. Talvez, muitos deles, tenham se atentado apenas para a construção imaginária que estereotipa o

⁴⁷ *O Lidador* nº 291 de 13/08/1939. (*Prezos doze malandros que lavavam cascalho no Rio do Ouro*)p. 4.

⁴⁸ *O Lidador* nº 317 de 18/02/1940. (*Comentários. Água potável*) p. 1.

garimpeiro exagerando em determinadas características como sua coragem, sua força, etc. A afirmação de que o garimpo é, em si mesmo, um trabalho perigoso alimenta o estereótipo do garimpeiro como sinônimo de homem de coragem, desafiador da natureza, destacando o perigo que, em geral, ele se preza de ver associado à sua profissão.⁴⁹

É provável que com base nesse raciocínio, muitos deles tenham se portado com indiferença aos riscos que expunham a sua vida e principalmente a dos outros. Contudo, é preciso lembrar que as questões de saúde estão em íntima relação com o trabalho e com os locais onde esse é realizado. Nos garimpos de Jacobina a pobreza e a miséria se fizeram presentes e contrastavam com a propaganda veiculada na imprensa que insistia em apontar a riqueza enganadora dessas áreas.

Assim, não só a imprevidência dos garimpeiros pode ser apontada como a causa para os muitos males que decorrem da ação do garimpo, mas, principalmente a omissão, e/ou a insuficiência de recursos por parte dos poderes públicos para dotarem esses locais de infra-estrutura como: saneamento, limpeza pública, água, luz, escolas, médicos, etc. de forma a dar não só aos garimpeiros, mas a toda a população de forma irrestrita, melhores condições de vida e trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como qualquer atividade de alto risco, a economia aurífera trazia diversas incertezas. Ainda que os garimpeiros buscassem sempre o sonhado bamburrio, na maioria das vezes, encontraram apenas fagulhas que não sustentavam mais que as necessidades básicas. Muitos deles retiravam o suficiente para “fazer a feira” ou manter um trabalhador numa roça em que plantavam gêneros de subsistência.

Já os comerciantes, revendedores de gêneros e artigos diversos, estabelecidos nas áreas de garimpo, esses sim, prosperaram, pois, enquanto os garimpeiros adentravam os subterrâneos ou exploravam os leitos dos rios em busca de ouro, os comerciantes vendiam aos mesmos, artigos dos mais necessários aos mais supérfluos, constituindo-se no grupo que realmente lucrou nas áreas de garimpagem, ainda mais que tiravam vantagens também

⁴⁹ MACHADO NETO. Op. Cit. p. 183.

através da comercialização do ouro. Tratava-se, portanto, de uma atividade de mão dupla altamente rentável para esse grupo. Não correndo muitos riscos, os comerciantes certamente tiveram na economia aurífera condições de ganhos expressivos. Vale lembrar que muitos dos comércios mais promissores de Jacobina começaram nas décadas aqui apontadas.

No imaginário sociocultural construído a partir do ouro, a riqueza geralmente é colocada sob o signo do provisório, mas, ainda assim, ela é desejada e cobiçada. Mesmo que o “dinheiro do garimpo seja amaldiçoado como dinheiro de jogo” ou mesmo que esse “dinheiro venha fácil e se vá fácil também”, milhares de pessoas movidas pelos sofrimentos causados pelas secas, pela propaganda do jornal ou aspirações pessoais de caráter diverso foram atraídas pelos “encantos do ouro” e buscaram nas serras de Jacobina a saída para os problemas vividos no dia-a-dia, o antídoto para a pobreza. Para as pessoas envolvidas com o trabalho do garimpo, cavar ouro não era algo fácil. A aparente facilidade que a imprensa insistia em atribuir às atividades de garimpagem torna-se falsa diante das duras condições de trabalho, dos perigos, dos riscos e dos conflitos. Tais situações podem ser atenuadas pela esperança e pelo sonho de um dia ficar rico, mas não são extintas.

Analisando as situações descritas nesse estudo e as atuais condições de vida dos depoentes entrevistados, percebo que nenhum deles se arrepende da experiência no garimpo, pois dizem que tudo o que foi vivido “valeu a pena”. No entanto, as frustrações por não terem tido alternativa de uma vida diferente, se fazem presentes na subjetividade das narrativas. Esses depoentes sobrevivem hoje com os poucos recursos proporcionados pela aposentadoria. Sem ter nada material que os remeta a um passado marcado pelo brilho do ouro, curiosamente, eles demonstram nas suas lembranças satisfação e orgulho ao rememorem suas trajetórias de vida. Fica evidente que, para os milhares de garimpeiros que se aventuraram nas serras de Jacobina coube a efemeridade do ouro. Mesmo aqueles que tiveram a sorte de encontrar o metal, não investiram em outras atividades mais estáveis.

A ausência de uma legislação que garantisse os direitos trabalhistas e especialmente o amparo legal nos momentos difíceis traduzidos pelos riscos e perigos do trabalho garimpeiro recrudesciu ainda mais as penosas condições de trabalhadores que ao longo da história são tratados de forma excludente. O processo de “desclassificação” dessa categoria pode ser notado nas situações graves aqui apresentadas e reforçado pelo tipo de

referência encontrada nos documentos que os tornavam “invisíveis”. A nomenclatura “de Tal”⁵⁰ largamente usada pelo jornal e atestados de óbitos revela a pouca importância dada a esses garimpeiros que buscaram sobreviver explorando o ouro das serras de Jacobina. Egídio de Tal, Herculano de Tal, José de Tal, Antônio de Tal e muitos outros compuseram um grupo de pessoas que em busca do sonho de uma vida melhor e mais confortável para si e suas famílias vivenciaram a dura experiência de um trabalho que colocava cotidianamente suas vidas “por um fio”.

⁵⁰ Brodwyn Fischer em artigo já citado nos informa que boa parte da população pobre do Rio de Janeiro não possuía certidão de nascimento. Tal situação ainda se faz presente no país (guardada as devidas proporções). No caso dos garimpeiros cujos sobrenomes eram substituídos por “de Tal”, provavelmente tratava-se de indivíduos sem esse registro, portanto, não eram considerados cidadãos sequer no aspecto legal.

